



RELIGIÃO E DIVERSIDADE SEXUAL

KOINONIA PRESENÇA ECU ECUMÊNICA E SERVIÇO

RELIGIÃO E DIVERSIDADE SEXUAL

SÃO PAULO, 2015
SÉRIE CONHECER PARA SUPERAR

REALIZAÇÃO: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

PRODUÇÃO: Ester Lisboa e Cristiane Alves

REVISÃO:

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Raissa Palamarczuk

COLABORADORES:

Anivaldo Padilha

Rev. Cristiano Valério

Iyá Maria Emília Campi

Pe. Paulo Sérgio Bezerra

Luciano José de Lima

Yve de Oliveira

Koinonia Presença ecumênica e Serviço | www.koinonia.org.br

Rio de Janeiro - RJ
Rua Santo Amaro, 129
Glória 22211-230
telefone: (21) 3042 6445

Salvador - BA
Travessa da Ajuda s/no -
ed. Martins Catharino, sala 705
Tororó - 40050-120
telefone: (71) 3266 3480

São Paulo - SP
Rua Barão de Itapetininga, 120,
sala 307
República - 01042-020
telefone: (11) 3667 9570



SUMÁRIO

○ Programa Saúde e Direitos	7
Que o Amor e a Justiça Naveguem Sernamente Anivaldo Padilha	8
Ouse Pensar Fora da Caixa! Fé cristã, Bíblia e homossexualidade Rev. Cristiano Valério	12
Casamento Homoafetivo e as Religiões Afro-Brasileiras Ilyá Maria Emilia Campi	16
Catolicismo e Homoafetividade: ensaio de aspirações intuitivas Pe. Paulo Sérgio Bezerra	20
Ponderações a Partir da "Roda de Conversa Religião e Homoafetividade Luciano José de Lima	29
Diversidade, Amor e Espiritualidade Yve de Oliveira	34
Depoimentos	36



O PROGRAMA SAÚDE E DIREITOS

Expressa o compromisso institucional de KOINONIA em travar o debate e promover ações sobre saúde e direitos sexuais e reprodutivos, sobretudo, entre comunidades religiosas de diferentes tradições.

O programa tem três linhas de ação principais: realizar atividades educativas sobre saúde e direitos, principalmente, junto à comunidades religiosas; contribuir para a superação do estigma e discriminação contra pessoas que vivem ou convivem com HIV/ Aids; e incentivar e apoiar lideranças locais a desenvolverem atividades nos campos da saúde, educação sexual, direitos sexuais e reprodutivos e igualdade de gênero.

QUE O AMOR E A JUSTIÇA NAVEGUEM SERENAMENTE

Sabemos que a homofobia tem raízes profundas na nossa cultura e está presente em todas as camadas sociais e em todas as instituições e, portanto, não é exclusividade de nenhuma delas. No entanto, há de se reconhecer que as organizações religiosas, principalmente as cristãs, que são majoritárias em nosso país, têm uma grande parcela de responsabilidade pela disseminação do preconceito e do estigma contra pessoas cuja orientação sexual não coincide com os padrões estabelecidos pela nossa cultura baseada em valores

patriarcais.

As posturas de líderes religiosos contra a homoafetividade, até há pouco tempo se limitavam aos espaços estritamente religiosos, nos limites dos templos, em sermões e em textos de educação religiosa dirigidos especificamente aos seus fiéis. Para eles, a homoafetividade é um pecado que deve ser combatido porque a consideram anti-natural e uma violação das leis da Criação. Até aqui, tudo bem. Cada igreja tem o direito de definir seus conceitos de pecado e exigir de seus fiéis o cumprimento de suas regras morais.

Entretanto, com o surgimento dos tele-

evangelistas e com a proliferação de blogs religiosos na internet, os discursos contra a homoafetividade ultrapassaram as fronteiras eclesiásticas e chegaram à esfera pública.

Ao trazerem a discussão, da esfera privada para o espaço público, esses líderes religiosos, provavelmente, não esperavam que teriam que se confrontar, não somente com o caráter laico do Estado brasileiro, mas, também com áreas de conhecimento com as quais terão de dialogar. A questão que se coloca é se estarão preparados para desatar os nós teológicos nos quais vão se enroscar.

É sabido que não há, ainda, estudos científicos conclusivos sobre os fatores que levam certas pessoas a sentirem atração afetiva por outra do mesmo sexo. Entretanto, já há consenso entre os pesquisadores de que a homoafetividade não é doença, nem desvio de caráter e muito menos perversão humana. Tanto é que a Organização Mundial da Saúde eliminou a homoafetividade da Classificação Internacional de Doenças

(CID), e os conselhos nacionais de medicina, de psiquiatria e de psicologia fizeram o mesmo na maioria dos países, inclusive no Brasil. São poucos os países que ainda não se adaptaram a esses avanços científicos. Entre eles estão aqueles controlados por regimes muçulmanos fundamentalistas nos quais a homoafetividade é considerada um crime e pode, inclusive, levar à pena de morte.

Além desses estudos sobre o comportamento homoafetivo humano, há décadas os pesquisadores têm identificado práticas de relações homossexuais tanto entre fêmeas quanto entre machos de várias espécies de animais, além do ser humano. O médico Dráuzio Varella, em artigo publicado em 2010, citou estudos que identificaram essas

práticas em ao menos 71 espécies de mamíferos, envolvendo fêmeas e machos, até entre os “machões” leões. E o que é mais interessante: as relações homossexuais são praticadas com um nível de criatividade que provavelmente faria inveja a um ser humano “desavergonhado”.

Como esses líderes religiosos reagirão aos resultados dessas pesquisas científicas que se desenvolvem desde o início do Século XX? Condenarão os animais por comportamento imoral e anti-natural? Mas, os animais já não agem e reagem de forma “natural”? Reagirão como a Igreja Católica Romana, que levou

quinhentos anos para pedir perdão a Galileu e reconhecer que o planeta Terra não é o centro do universo? Ou, por outro lado, estarão dispostos a lançar um outro olhar sobre suas hermenêuticas bíblicas e buscar uma nova compreensão sobre a sexualidade humana? Bem, só o tempo nos dirá que respostas serão dadas a essas e outras perguntas.

Entrementes e enquanto aguardamos as respostas, é importante pensarmos no que passa no mundo real. De acordo com alguns levantamentos, um homossexual é assassinado a cada trinta e seis horas no Brasil. Esse número, certamente, não reflete toda a realidade de violência praticada contra homossexuais em nosso país.

Sabe-se que muitos assassinatos causados por homofobia não são registrados como tal nas delegacias e, portanto, ficam de fora das estatísticas. As estatísticas também não incluem os diversos tipos de violência moral e simbólica

das quais os homossexuais são alvos na sua vida cotidiana.

Essas formas de violência, por si só, já justificam a pertinência de uma legislação específica que tipifique a homofobia como crime. É importante que as lideranças das igrejas reconheçam que o discurso estridente antigay, principalmente fora dos espaços de suas denominações, dá aos homofóbicos de todas as matizes a legitimidade religiosa de que necessitam para a prática da violência.

Felizmente, o que parecia unanimidade nas igrejas há algum tempo atrás deixou de sê-lo. Hoje, questões relacionadas aos direitos sexuais estão entre as que mais polarizam os conflitos teológicos e ideológicos nas instituições eclesiais, a demonstrar que as igrejas deixaram de ser impermeáveis às demandas por justiça por parte da comunidade LGBT. Ao contrário, testemunhamos o crescente engajamento de cristãs e cristãos nas lutas pela defesa de direitos e pela superação da homofobia.

Certamente, há ainda um longo caminho a ser percorrido para que as igrejas cristãs se tornem comunidades realmente inclusivas. Entretanto, muitos passos já foram dados nesse caminho e a esperança é que esse caminho já iniciado se acelere, e que as fileiras de seus caminhantes se tornem cada vez maiores e se transformem em um caudaloso rio de esperança por onde o amor e a justiça possam navegar serenamente.

OUSE PENSAR FORA DA CAIXA! FÉ CRISTÃ, BÍBLIA E HOMOSSEXUALIDADE

Estou convencido de que é perfeitamente possível uma pessoa amar a Deus, a Bíblia, a igreja e ao mesmo tempo ser assumidamente homossexual. Essa realidade é celebrada em minha casa e na comunidade onde exerço o ministério pastoral.

Por favor, dedique alguns minutos para compreender minha posição.

A Bíblia, em nossa sociedade judaico-cristã, é conhecida como o principal guia para muitas pessoas, é interessante ver como muitos cristãos tomam literalmente as referências a atos homossexuais,

enquanto outros textos são interpretados com grande flexibilidade.

É importante que reconheçamos que, muitas vezes, na história da fé, houve ocasiões em que a verdade supostamente imutável mudou.

“Tudo o que dizemos do infinito nós dizemos com um instrumento finito. Tudo o que dizemos do absoluto dizemos a partir de um instrumento relativo. Tudo o que dizemos do Self é dito pelo Ego. Tudo o que sabemos de Deus é um ser humano que disse. Esta visão de Deus ou esta visão do infinito, do sem limites, tem os limites do instrumento que o recebe. Assim, não podemos absolutizar nenhuma representação. Porque será sempre uma representação finita, do infinito.” Jean-Yves Leloup

Como devemos ler a Bíblia?

Nós, cristãos, faríamos bem em reconhecer humildemente que os nossos textos sagrados também são limitados e falíveis. Jesus fez isso durante todo o seu ministério.

Os Evangelhos nos informam que Jesus não teve nenhum problema em rejeitar ou reinterpretar os textos sagrados dentro de sua tradição judaica.

Por exemplo, algumas autoridades religiosas da época de Jesus abusivamente utilizavam Deuteronômio 24:1 para justificar o divórcio por qualquer motivo, da mesma forma que as autoridades religiosas hoje usam abusivamente as Escrituras para condenar a comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), tolerar violência, e subjugar as mulheres no lar e na igreja.

Jesus rejeitou Deut. 24:1, oferecendo uma leitura crítica deste texto. Disse que esta lei não

veio de Deus (como dizia as Escrituras), mas do próprio Moisés, que fez a concessão devido à dureza de seus corações (Marcos 10:2-5).

O 4º mandamento da lei de Deus descrito em Êxodo 20:8-11 ordena que nenhum trabalho fosse feito no sábado do Senhor. Jesus em vários momentos desobedece este mandamento, seguido ao pé da letra, pelos religiosos fundamentalistas de seu tempo. Numa ocasião cura um homem com a mão ressequida e é condenado pelos religiosos que se sentem obrigados a matar Jesus para obedecer às escrituras - Êxodo 35:2. (Mateus 12:9-14)

Interessante também considerar como José desobedeceu Deut. 22:21, decidindo deixar Maria secretamente sem trazer vergonha pública sobre ela (Mateus 1:18-19). O evangelho

de Mateus diz que José fez isso porque ele era um “homem justo.” Obviamente, do ponto de vista de Mateus, é “justo” desobedecer o que a Bíblia diz.

Para o Cristão, quando se trata de textos sagrados a questão crítica não é “o que a Bíblia diz”, e sim: “O que Jesus diria sobre o que a Bíblia diz”. Será que Jesus faria uma leitura crítica ou o rejeitaria? Será que Jesus ofereceria uma nova leitura ou uma interpretação nova?

Jesus utilizou uma hermenêutica de compaixão, amor e justiça. A hermenêutica é “uma lente interpretativa” um filtro intencional. Como seguidores de Jesus, nós Cristãos devemos fazer o mesmo.

Estaria Jesus disposto a aconselhar que obedecêssemos a textos sagrados como:

Êxodo 21:7 – Que autoriza a vender a filha como escrava.

Levítico 25:44 – Que autoriza possuir escravos, tanto homens quanto mulheres, se eles forem comprados de nações vizinhas.

Êxodo 35:2 – Que diz que quem trabalha aos sábados deve ser morto. Ex: Números 15:32-36 Um homem que no Sábado estava pegando gravetos de lenha para uma simples fogueira é apedrejado até a morte segundo a ordem atribuída a Deus nas escrituras.

Levítico 11:10 – Que diz que comer moluscos é abominação.

Levítico 21:17-21 – Que diz que quem tem problemas de visão NÃO pode aproximar-se do altar de Deus.

Levítico 19:19 – Que proíbe plantar dois tipos de vegetais no mesmo campo, usar roupas de dois tipos diferentes de tecidos...

Deuteronômio 22:13 – Que diz que a noiva não chegar virgem ao casamento deve ser apedrejada na frente da casa dos Pais

Deuteronômio, 21:18-21 – Que diz que filhos desobedientes devem ser apedrejados até a morte.

Levítico, 12:1-5 – Que diz que ao dar à luz um menino, a mulher ficará impura por 40 dias. Se for uma menina ficará impura 80 dias!

É importante notar que Jesus não fez nenhuma afirmação negativa sobre a homossexualidade. O conceito de homossexualidade, como nós o conhecemos, simplesmente não existia nos tempos bíblicos. Os textos usados como arma, contra a comunidade homossexual, apresentam relações num contexto de abuso, violência e ou idolatrias, nunca em relações amorosas

e respeitadas ou no contexto de relações sexuais consentidas.

Os escritores bíblicos e comunidades que nos deram nossos textos sagrados trouxeram seus preconceitos, condicionamento cultural, crenças, visões de mundo e pressupostos para o processo de descobrir a vontade de Deus, assim como nós fazemos.

Por isso, insisto que, devemos nos esforçar em ler as Escrituras como Jesus as leria, com liberdade e compaixão, sempre. Não como os religiosos fundamentalistas costumam ler. Ouse pensar fora da caixa!

CASAMENTO HOMOAFETIVO E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

O candomblé é uma religião afro brasileira, monoteísta. Sendo Olodumare – o Supremo criador do Universo-Deus, é auxiliado no projeto de formação da humanidade pelas divindades do panteão yorubá – os orixás. Estas divindades são cultuadas por rituais específicos e o momento da absoluta sacralidade se dá quando os orixás expressam suas histórias mitológicas, que demonstram toda sua tradição, aos sons dos atabaques e outros instrumentos, bem como das cantigas que retratam as características e feitos dessas divindades.

Assim como a Umbanda, uma religião brasileira, que trabalha com seus antepassados, trazendo na sua essência a influência do Candomblé, a tradição dos orixás, do espiritismo e cristianismo (catolicismo).

As Religiões Afro-brasileiras mantiveram-se ao longo dos anos como foco de resistência cultural, formando uma estrutura que marca de forma significativa a cultura brasileira.

Os templos de Religiões Afro-brasileiras constituem-se, há séculos, em espaços de inclusão para os grupos historicamente excluídos, de acolhimento e de aconselhamento.

É nesses espaços, denominados roças ou Comunidades Tradicionais de Terreiro, onde também se desenvolvem ações de promoção da saúde e cidadania, através de informações e troca de saberes, preservando a tradição religiosa.

Baseando-se nas mitologias que norteiam a Cultura tradicional das Religiões Afro-brasileiras, encontramos inúmeras lendas de divindades – Orixás que demonstram naturalmente sua relação com a sexualidade, inclusive através de relacionamentos homossexuais, a orientação sexual é uma vivência natural neste panteão.

As Religiões Afro-brasileiras, por intermédio da sua visão de mundo integradora encontram entre os religiosos a tranquilidade de demonstrar suas orientações sexuais, tais como os fazem seus orixás, num entendimento de pertencimento e aceitação nos espaços religiosos e na sociedade.

Ontem a formação de um sacerdote ou sacerdotisa, era fundamentada, em aprendizados

espirituais com os Orixás, inquices, vodunces, guias e mestres, e com os mais velhos, os líderes de ontem partilhavam de uma sociedade única, os terreiros.

Hoje os novos líderes partilham além dos muros dos terreiros. Partilham do mercado de trabalho, de questões sócio-políticas, de vida acadêmica, de vida social, e como os antepassados, necessitam criar suas histórias, contribuindo com uma nova sociedade, assim com novas esperanças.

Se por um lado temos o reconhecimento da diversidade das religiões de Matrizes Africanas no Brasil, temos também a formação individual de seu adepto com valores pessoais e de formação de vida, que nem sempre

se integram às culturas tradicionais da religião.

Hoje percebemos um novo olhar nestes espaços, onde o religioso se preocupa com o bem estar do indivíduo no âmbito bio-Psico-social, além do espiritual e congrega da evolução da sociedade, suas conquistas e lutas, sendo também um protagonista nesta construção.

Hoje somos cidadãos participativos com direitos e deveres, e conciliando os dogmas das religiões de matriz africanas, que acredita no amor como energia vital para toda e qualquer forma de relação, revemos a construção de novos paradigmas, somados a evolução de luta no reconhecimento da união

homoafetiva, garantida por lei, compartilhamos e mesmo antes da legalização de casamento e união de pessoas do mesmo sexo, as bênçãos já eram uma prática das religiões afro brasileiras, pois tanto a lei dos homens como a lei sagrada congregam da mesma verdade, o direito da vida, do amor e da união homoafetiva.

Contudo, acreditamos que se os espaços, as organizações, as Redes, os movimentos que se interligam com as Religiões Afro-brasileiras, estarão favorecendo as discussões sobre de combate a todo tipo de Intolerância e homofobia, certamente os adeptos com desenvolvimento cultural terão possibilidade de reconceituar seus valores tornando-se reprodutores fieis da cultura e tradição das Religiões Afro-brasileiras, colaborando na garantia de direitos da União homoafetiva, abençoada pelos orixás dentro de nossos terreiros.

Cabe agora provocar e estimular um trabalho de sensibilização e educação aos adeptos das Religiões Afro-brasileiras na gestão participativa

e controle social de políticas públicas de Inclusão Social e combate a todo tipo de Intolerância e homofobia.

Neste sentido, as Religiões Afro-brasileiras estarão caminhando para alcançar uma sociedade igualitária, pois além dos homens que nos acolhem, temos nossos Deuses, que trazem em sua história a maior referência de igualdade e respeito pelas diferenças.

CATOLICISMO E HOMOAFETIVIDADE

ENSAIO DE ASPIRAÇÕES INTUITIVAS

“O Catolicismo tem sido, durante séculos, um caldo de anti-sexualismo e, o eco das condenações eternas, ainda ressoam em nosso subconsciente cultural. Temos medo do que somos e inibimos nossas expressões naturais, uma vez que ficamos tolhidos por injunções deformadoras de nossas personalidades”

Eduardo Honnaert

Introdução

A proposta do tema era “religião e homoafetividade”. Optamos por “catolicismo e homoafetividade” em vista da amplitude de extensão do termo “religião”. Os próprios termos “catolicismo e homoafetividade” são, de per si, um universo de produção teórico-

prática a desafiar a própria reflexão e vivência dessa realidade à qual se referem bilhões de seres humanos.

“Catolicismo e homoafetividade”, historicamente se confrontaram e se antepuseram. Por este binômio se acenderam “fogueiras de inquisição”

e “fogueiras de discussões”, na maioria das vezes, produzindo algozes e vítimas.

A complexidade escondida atrás dos termos desafia a irredutibilidade de posicionamentos dogmáticos rígidos tanto quanto dogmáticos laxistas práticos. Embora o catolicismo ateste, em sua história um “caldo de anti-sexualismo”, agora vê-se premido pela “mudança de época” a abraçar um novo paradigma de compreensão teórico-prática da sexualidade humana na qual a “homoafetividade” se firma como uma das expressões irrefutáveis da vivência da própria sexualidade.

Se de um lado paira a sempre ameaçadora espada de Dâmocles - expressão pérfida dos autoritarismos de todos os tempos e matizes -, por outro, a marcha pascal da consciência da liberdade – monumento martirial da dignidade humana -, é de atualidade insurgente e imprescindível. Somos, inexoravelmente, seres humanos sexuados, fendidos e partidos, à cata custosa e prazerosa do que possa, humana e

divinamente, saciar os desejos - inclusive o desejo de Deus.

Há um “novo” Francisco no cenário

Brindamos, no catolicismo, o kairós da eleição de Mario Jorge Bergoglio, o Papa Francisco. Surpreendente irrupção do Espírito para alegria das bases eclesiais e para temor das cúpulas eclesiásticas.

Inquirido sobre “quem é Jorge Mario Bergoglio”, ele respondeu: “sou um pecador para quem o Senhor olhou”¹. Ousado, afirma: “penso, aliás, que não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e a mundo”². Sua resposta

¹ Entrevista Exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro, SJ, Paulus/Loyola, 2013, p.8.

² PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, n. 16.

aos jornalistas, durante o voo do Rio de Janeiro a Roma, sobre os homossexuais correu mundo: “se uma pessoa é gay e procura Deus e tem boa-vontade, quem sou eu para julgá-la?” Para Francisco, o Concílio Vaticano II não é apenas fonte bibliográfica mas convicção eclesial, ao insistir: “uma pastoral em chave missionária não está obsecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo

tempo, mais necessário. (...) Isto é válido tanto para os dogmas da fé como para o conjunto dos ensinamentos da Igreja, incluindo a doutrina moral”³.

Estamos num mundo novo e, quiçá, numa etapa nova da História da Igreja. O Pe. José Comblin afirma que a partir dos anos 70 iniciou-se o desmoronamento da Cristandade: “a grande revolução total da sociedade ocidental: revolução na ciência, na economia, na política, na cultura; revolução total e profunda com consequências de uma revolução na ética e na religião. (...) Antigos poderes desapareceram e apareceram novos poderes. Agora sim, estamos chegando ao fim da cristandade. Mas ainda não é o fim da consciência de cristandade dentro da Igreja. Pelo contrário, toda a instituição continua funcionando como se nada tivesse mudado e como se a Igreja ainda tivesse o mesmo poder social de sempre. (...) Ora, o fim da cristandade significa que a evangelização e a pastoral já não podem ser feitas a partir de uma posição de poder. (...) Este é o desafio prático ainda não assumido

coletivamente pela Igreja: reconhecer que não se pode mais evangelizar a partir de uma posição de poder, mas apenas numa relação de seres humanos com seres humanos iguais. Na teoria, ninguém contesta, mas na prática, tudo continua como se a Igreja ainda tivesse na sociedade o poder que teve até os anos 70 do século XX”⁴.

Leonardo Boff, em encontro promovido pelo grupo de leigos, religiosas e padres da Zona Leste de São Paulo, denominado IPDM (Igreja, Povo de Deus, em movimento), diante de 1.300 pessoas que acorreram para ouvi-lo, dizia: “ou a Igreja assume os novos paradigmas teológicos, culturais, ecológicos na evangelização ou permanecerá uma piedosa seita mariana ocidental”.

No coração e no pensamento do Papa Francisco não estarão tais preocupações quando confessa: - “Deus manifesta-se numa revelação histórica, no tempo. O tempo inicia os processos, o espaço cristaliza-os. Deus encontra-Se no tempo, nos processos em curso. Não é preciso privilegiar os

espaços de poder relativamente aos tempos, mesmo longos, dos processos. Devemos encaminhar processos, mais que ocupar espaços. Deus manifesta-Se no tempo e está presente nos processos da História. Isto faz privilegiar as ações que geram dinâmicas novas. E exige paciência, espera”⁵ - ?

Há um “novo” Francisco no cenário: ele vem “do fim do mundo como bispo de Roma”, da Argentina. Vem da América Latina, da proximidade fecunda com a Teologia da Libertação e da compartilhada páscoa dos “Mártires da Caminhada”. Traz na memória o brutal assassinato, por paramilitares do Exército de El Salvador em 16 de novembro de 1989, de seis padres jesuítas e duas senhoras daquela comunidade. Vem das favelas de Buenos Ayres, dos bem articulados

⁴ JOSE COMBLIN. “As grandes incertezas na Igreja atual”, REB, fasc. 265, janeiro 2007, Vozes, Petrópolis, p. 37-40.

⁵ Entrevista exclusiva do Papa Francisco op. cit., p. 27.

planos diocesanos de pastoral e da experiência de ter sido presidente da Comissão de Redação do Documento Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – o Documento de Aparecida.

Processualmente o catolicismo vive o kairós-apelo de deixar de ser um “caldo de anti-sexismo e o eco das condenações eternas” a torturar o “subconsciente cultural” da humanidade para tornar-se a força samaritana junto aos caídos à beira do caminho.

Em síntese, saudamos Gonzales Fauz quando afirma: “reivindicações que antes pareciam heréticas agora são palavras do Papa. A Teologia da Libertação tem o

mérito de ter suportado maus-tratos como Jesus”.

Há um “novo” Francisco no cenário cuja imagem não se sujeita às pesquisas de opinião pública, nem se intimida frente às artimanhas do poder eclesiástico.

Há um “novo arco-íris” no cenário

A novela “Amor à vida”, da Globo, no último capítulo levado ao ar no dia 31 de janeiro de 2014, saciou o desejado e esperado “beijo gay”, protagonizado pelos personagens Félix e Niko, interpretados respectivamente pelos atores Mateus Solano e Thiago Fragoso. Os pontos de audiência subiram aos píncaros entre ovações de vitória (talvez a maioria dos espectadores) e impropérios de condenação. As novelas não impõem padrões comportamentais. Elas expõem o que está por aí...

A revolução econômica e política depois dos anos

70, - lembra-nos Comblin, - transferiu “poderes com repercussões imensas na vida diária das pessoas como na vida social” – a revolução cultural. “Um elemento importante dessa revolução foi, e ainda é, a crítica sistemática de todas as instituições, denunciadas como máquinas de poder e de repressão da liberdade e da personalidade individual”⁶. Não escapou nenhuma das instituições, a começar pela família, educação, Igreja(s) chegando hoje à feroz crítica do Estado estampada nas manifestações de rua que, sobretudo a partir de junho de 2013, evidenciaram que o “gigante acordou”. Ainda impossível prever se acordou de um sonho, apenas, ou se despertou para forjar uma “nova aurora”... Desprestigiadas pela crítica e evidenciada a sua decadência inúmeras instituições e associações entraram no caminho da corrupção que, no dizer de Comblin, “se tornou a nova instituição social”.

A “revolução cultural” traz a marca do “despertar da liberdade pessoal” e trouxe muitos “valores positivos” e, sobretudo, “valores definitivos contra

os quais é em vão lutar”. Enumera-os Comblin: a emancipação da mulher; o despertar da consciência de liberdade dos jovens, “ainda que contaminada pelo consumismo”; uma consciência religiosa libertada do “estilo penitencial de espiritualidade” calcada sobre as exigências de sacrifícios e mortificações em vista dos méritos diante de Deus-juiz. “Depois da revolução cultural, milhões de homens e, sobretudo, de mulheres saíram da Igreja, não por motivos de doutrina ou de crenças, mas porque não aceitavam mais o estilo penitencial da espiritualidade que se ensinava. (...) o que rejeitam não são os dogmas, menos ainda o Evangelho, mas a austeridade de vida, a preocupação constante pelo pecado e o medo que se infundia na consciência do pecador. Os jovens fogem disso como da

⁶ JOSE COMBLIN, *op. cit.*, p. 40.

⁷ JOSE COMBLIN, op. cit., p. 43

⁸ IVONE GEBARA, "Visitando o conceito de natureza humana", in: Concilium Revista Internacional de Teologia, 336 (2010/3), Vozes, Petrópolis, p. 141 [438] - 142 [439].

⁹ NORBERT RECK, "Desejos perigosos - o discurso católico sobre a sexualidade homossexual", in: Concilium Revista Internacional de Teologia, 324 (2008/1), Vozes, Petrópolis, p. 14.

peste. Não querem nem saber"⁷.

Depois de séculos de "espiritualidade penitencial" sem páscoa parece-nos "tatuada", na alma católica, a compreensão de sexo como pecado. Sedimentou-se tal tipo de compreensão filosófico-religiosa de natureza humana como "algo, um conteúdo mais ou menos fixo ou mais ou menos imutável ao qual atribuímos este conceito. Com frequência ouvimos expressões como: 'isto é da natureza', 'isto é contra a natureza', 'os seres da natureza', 'pecados contra a natureza' e assim por diante. (...) Estabeleceu-se desta forma uma ordem natural que muitas vezes foi identificada à vontade de Deus ou mais precisamente, à vontade de

um conceito sobre Deus. (...) Criou-se assim uma espécie de limite entre a vontade de Deus e a vontade dos seres humanos, como se fosse uma barreira que não poderá ser ultrapassada, uma barreira que funciona igualmente como limite para a vida e a moralidade dos seres humanos"⁸.

Em todas as épocas e em todas as culturas, no entanto, houve mulheres e homens que sentiram atração por pessoas do próprio sexo. A satisfação de desejos e prazeres está aí a questionar certa visão de "lei natural". É possível falar da homoafetividade como uma constante na história da humanidade. São preconceituosas as teorias de que os "desejos homossexuais só haveriam de manifestar-se em sociedades que se encontram em situação de declínio. As artes e literaturas de todas as épocas descrevem relações sexuais e de amizade, aventuras e histórias de amor entre pessoas do mesmo sexo. Tais descrições são provenientes de sociedades e de desenvolvimentos de toda espécie, prósperos e em declínio"⁹.

Há um “novo arco-íris” no cenário contemporâneo. A “saída do armário” tomou conta das mega-manifestações das Paradas Gays. “A partir de meados da década de 70, o tema do amor homossexual começou a furar a barreira da censura e dos setores mais reacionários, para chegar até as capas de revistas de circulação nacional – caso da Isto é que, dois anos antes da Time, apresentou em sua capa duas mãos masculinas ternamente enlaçadas”¹⁰. Na mesma intensidade e direção foram o teatro e o cinema.

O “novo arco-íris” LGBTs surge depois de catastróficas tempestades e torrenciais chuvas de granizos condensadas pelo gelo da homofobia levada às mais baixas temperaturas pelo pensamento único e deontológico. A bandeira foi desfraldada de tal maneira que recolhê-la será contrassenso. Suas sete cores não se impõem. Tão somente se expõem e se apresentam. Como o Arco da Aliança do Livro Sagrado do Gênesis mendiga também um lugar novo para a humanidade: nunca mais o antigo dilúvio! Convida à comunhão, ao prazer, à festa,

à fecundidade de todo relacionamento, mesmo que nem sempre reprodutivo da espécie humana.

A existência humana é um caleidoscópio que se reparte em cores. No dizer de Antônio Moser, “se há algo que nos intriga é o caráter enigmático da vida humana e de todos os seus componentes. (...) Entre as questões mais enigmáticas encontram-se as que se referem à sexualidade. Por isso é compreensível que, desde sempre, e das mais diversas formas, a humanidade tenha se interrogado sobre a proveniência e o sentido desta força estranha e determinante da vida humana (...)”¹¹. E, deste caleidoscópio, as mãos GLBTs não são as únicas a manipulá-lo, embora aptas a tal.

¹⁰ JOÃO SILVÉRIO TREVISAN, Devassos no paraíso, Editora Max Limonad, São Paulo, 1986, p. 175.

¹¹ ANTÔNIO MOSER, O Enigma da Esfinge: a sexualidade. Vozes, Petrópolis, 2004, p. 21.

Conclusão: aspirações intuitivas

Enquanto a sexualidade for “engessada” em categorias dogmáticas (teologicamente desencarnada)... Enquanto for motivo de “curiosidade sobre a vida alheia” (antropologicamente desprezada)... Enquanto for “reprimida” (psicologicamente não considerada)... Enquanto for produto mercadológico de violência e de frustração (socialmente despessoalizada)... Enquanto for reduzida a parâmetros culturais (filosoficamente desconhecida)... Enquanto for devassada, chantageada, criminalizada... é porque “temos medo do que somos e inibimos nossas expressões naturais, uma vez que ficamos tolhidos por injunções deformadoras de nossas personali-

dades” (Eduardo Hoonert).

Vergados, então, sob a “espada de Dâmocles” rejeitamos, conscientes ou não, que a “sexualidade é uma moradia com muitas janelas abertas para o mundo”¹².

PONDERAÇÕES A PARTIR DA RODA DE CONVERSA RELIGIÃO E HOMOAFETIVIDADE,

REALIZADA EM 22 DE JUNHO DE 2013 POR KOINONIA PRESENÇA
ECUMÊNICA E SERVIÇO, NA PARÓQUIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE,
DA IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL

Sabemos que a sexualidade é uma dimensão da experiência humana, socialmente inserida e culturalmente marcada por significações que podem entre os mais distintos contextos históricos e sociais. A heteronormatividade, apresentada como um fenômeno universal padrão, é também um construto que foi transformado discursivamente através de vários meios, as religiões inclusas, de modo tal que pareça não apenas normal (dentro da norma), mas natural e

legado divino. Tais elaborações que tiveram lugar na história, tem sua genealogia apagada, o que reforça seu status de naturalidade. É o que ocorreu historicamente com o que na modernidade chamamos de homossexualidade ².

LUCIANO JOSÉ DE LIMA
Pastor da Igreja Metodista

¹² É importante lembrar que o termo homossexual, foi criado no século XIX pelo médico vienense Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) em sua obra *Psychopathia Sexualis*, publicada em 1886. O termo se enquadrava na tipologia de perversões sexuais estabelecida pelas ciência médica da virada do século XIX para o XX, como parte dos projetos de eugenia e heteronormatização da sociedade.

Como já dito pelos psicólogos sociais Marco Aurélio Máximo Prado e Frederico Viana Machado (2008, 7) “as sexualidades sempre participaram da estruturação das hierarquias sociais... as formas de sexualidade são e foram objetos de disputa, de controle social e individual, de emancipação ou violência contra a pessoa humana”. O que nos lembra que nenhuma discussão sobre sexualidade humana pode ser reduzida a uma questão biológica ou de funcionalidade genital. E também é importante, para estas nossas ponderações, destacar que na trajetória histórica as religiões, sobretudo o cristianismo no ocidente, tiveram papel de grande monta nas hierarquizações sociais ancoradas nas significações atribuídas à

sexualidade humana. Isso vale para a inferiorização de mulheres e de homossexuais.

Kathryn Woodward, teórica da Escola de Estudos Culturais, afirma que os marcos classificatórios, observados nos processos de diferenciação social das identidades, operam por meio de sistemas simbólicos de representação e através de formas de exclusão social (2000, 39). Quando falamos de sistema simbólico, destacamos a arte, a ciência, os mitos e as religiões, que, conforme Pierre Bourdieu, atuam como instrumentos de conhecimento ou construção do mundo (2005, 8). São subjetividades que por serem compartilhadas ganham status de objetividade ou verdade acerca da realidade social. As religiões são sistemas simbólicos que, ao conferirem sentido a uma realidade, podem legitimar ou questionar os modelos, classificações e hierarquizações sociais. Isso quer dizer que um grupo socialmente excluído poderá ter essa exclusão validada a partir do ensino, doutrina/dogma de um sistema religioso.

Isso é o que ocorre, por exemplo, quando um cristão fundamentalista recorre à Bíblia para dizer que uma pessoa homossexual é abominável ou pecadora. Com isso, a exclusão ganha status de lei divina e fortalece sentimentos e atitudes excludentes. Confere uma espécie de racionalização da anormalidade ao grupo excluído, que terá desvantagens materiais neste âmbito social. As religiões estabelecem uma ordem, ou um regime de verdade que justifica ações variadas de violência, mesmo que se apresente como uma anunciadora do amor. É isso que chamamos também de violência simbólica, o estabelecimento de uma compreensão que justifica a condenação de grupos, no caso em questão, de homossexuais. Daí não importa o quanto se fale sobre ser contra a homofobia, pois cada vez que se instrumentaliza o discurso religioso, nas várias formas de sua linguagem, para a demonização da homossexualidade, esse estará alimentando o ódio. Por isso é vazio o discurso de amar o pecador e abominar o pecado.

As dogmatizações e leituras fundamentalistas

desconsideram, em alguns casos não somente por falta de conhecimento, mas por interesses de poder, que estas obras clássicas das religiões são produzidas em contexto históricos e culturais peculiares e que, segundo a teologia da revelação, conforme discutida por Juan Luis Segundo, pressupõe um processo hermenêutico onde a veracidade aparece onde se estimula a libertação e a defesa da vida. Assim, uma leitura da tradição religiosa, por exemplo da Bíblia e da doutrina cristã, que valorize mais as letras do enunciado do que a vida das pessoas, ou concretamente falando, uma leitura doutrinária que prefere ficar com o texto (ou tradição oral) em detrimento da pessoa homossexual, está longe da fala divina na história humana. Na linguagem paulina, tornou-se escravo da letra que mata e rejei-

tou o espírito que vivifica, ou ainda nas palavras de Nancy Cardoso Pereira, são palavras contra corpos.

Neste sentido se torna relevante o debate transparente sobre as tradições religiosas e a temática da homoafetividade, como ocorre nas rodas de conversa propostas por Koinonia. Assim como é de grande importância as desmistificações dos discursos religiosos que estimulam o preconceito. Como essa fala parte de um âmbito da teologia cristã, nossa crítica é oriunda desta identidade, sem desconsiderar que o problema transcende este universo simbólico em particular. Por isso a importância de ouvirmos as considerações de outras fontes de espiritualidade, como as religiões de matriz

africana, por exemplo. Buscando entender como pensam e reagem ao preconceito.

Se por um lado, observamos a instrumentalização religiosa a serviço da culpabilização e da demonização de pessoas e grupos, cabe também enfatizar que o sistemas simbólicos também podem atuar como questionadores destes padrões de realidade marcados pela heteronormatividade. Assim como no Israel antigo os sacerdotes ligados à corte utilizavam a tradição para legitimar a opressão da casa real sobre o povo pobre, os profetas invocavam-na a serviço da justiça, que se voltava não para o ritual correto, mas para a libertação dos necessitados. Se por um lado existem “sacerdotes” comprometidos em legitimar a ordem estabelecida (sistema simbólico a serviço da manutenção das lógicas de dominação e exclusão), por outro a identidade profética irrompe para dizer que a ordem/realidade estabelecida é uma construção enganosa e não só pode, como deve mudar, este é um imperativo ético para a justiça (Comblin: 2008, 35). Diante do exposto reafirmamos nosso compromisso com uma prá-

xis que ousa repensar as velhas representações e discursos, sob a ótica da liberdade, e neste caso com aqueles e aquelas que tem o direito de serem reconhecidos na sua forma de ser e amar. Parafraçando a Primeira Epístola de João, quem ama conhece a Deus, porque Deus é amor...

Sugestões bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COMBLIN, José. A profecia na Igreja. São Paulo: Paulus. 2008.

HELMINIAK, Daniel A. O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade. São Paulo: Summus, 1998.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Palavras... se feitas de carne: leitura feminista e crítica dos fundamentalis-

mos. São Paulo: Publicações CDD, 2003.

PRADO, Marco Aurélio Máximo & MACHADO, Frederico Viana. Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

RAGO, Margareth & FUNARI, Pedro Paulo A. Subjetividades antigas e modernas. São Paulo: Annablume, 2008.

SEGUNDO, Juan Luis. O dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático. São Paulo: Paulinas, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

DIVERSIDADE, AMOR E ESPIRITUALIDADE

Estamos vivendo o tempo da retomada do amor. Tempo do respeito, do cuidado, do reconhecimento da nossa diversidade, bem como das nossas potencialidades em todas as dimensões.

Ao mesmo tempo, no campo da expressão da sexualidade, ainda enfrentamos muitos desafios sociais e legais para o estabelecimento das relações homoafetivas.

A doutrina espírita, referendada pelos

princípios do amor incondicional do Mestre Jesus, preceita que todas as almas, habitantes deste e de outros mundos, foram criadas de forma “simples e ignorantes”, a fim de evoluírem e se desenvolverem infinitamente.

E é por meio da reencarnação, que podemos experienciar todos os nossos desafios íntimos e coletivos, inclusive no campo dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, encarados, pelo espiritismo, como uma condição natural das almas em evolução.

Em nossa memória espiritual, ficam registradas todas as nossas experiências, ora como

homens, ora como mulheres. Portanto, tendo o espírito passado por múltiplas reencarnações, acabamos registrando de forma mais ostensiva, a orientação sexual de uma existência anterior que tenha sido significativa para nós.

Acontece ainda, que algumas vezes, o invólucro carnal do nascimento não é o mesmo da expressão da psique, fato gerador de conflitos íntimos, preconceitos e exclusão social. Mas, os desafios do indivíduo encarnado em uma condição homossexual, não é um impeditivo para a sua expressão essencial, podendo usufruir do seu livre-arbítrio para vivenciar o amor em sua plenitude.

Nesta medida, os relacionamentos homoafetivos são compreendidos pelo espiritismo como uma questão de justiça, tendo os casais homossexuais, o mesmo direito de amar, de legalizar seu casamento, de ter filhos, bem como de serem reconhecidos e respeitados como qualquer outra individualidade em evolução.

Na vanguarda dos movimentos sociais, o médium Chico Xavier, ícone do movimento espírita brasileiro, já se posicionava, no início da década de 70, em relação ao respeito à diversidade de gênero, em relação às múltiplas experiências dos espíritos nas encarnações.

“Aqueles que são portadores de sentimentos de homossexualidade ou bissexualidade são dignos do nosso maior respeito. A criatura humana não é só chamada à fecundidade física, mas também à fecundidade espiritual”, afirmou.

Fecundidade esta, que nutre e semeia valores como o amor, a paz, a igualdade e a fraternidade entre todos os habitantes deste mundo em regeneração. Transformemo -no, pois! O amor é o caminho.

DEPOIMENTOS



“É FÉ”

“Sou católico, gay e frequento a Paróquia Nossa Senhora do Carmo em Itaquera, desde os meus 7 anos de idade. Lá aprendi a ser quem eu sou hoje. Um ser integral, que tem corpo, sexualidade e que celebra o corpo. Nunca me disseram que não podíamos festejar o corpo. Aprendi a entender o meu corpo e as minhas vontades (inclusive as sexuais) como dom de Deus. Para mim nunca foi impedimento ser gay e gostar de outro homem. Nunca me apresentaram isso como pecado. Fui e sou feliz na minha comunidade de fé.

Mas a gente sabe que as coisas não são bem assim nas comunidades de fé católica. O que se aprende é totalmente ao contrário. O corpo é apresentado como assexuado e qualquer relação sexual é pecado (imagina então a relação entre dois corpos do mesmo sexo? Aberração!). Esse pensamento leva hoje milhares de jovens a uma frustração sexual.

O corpo fala, o corpo pede, mas é abafado por pensamentos teológicos atrasados e caducos. Enquanto isso, jovens LGBT's morrem todos os dias por intolerância e por não terem os seus corpos livres. Deixemos os corpos livres! Festejemos o corpo!”

Lucas de Francesco, Assistente de Pastoral no Centro Social Marista Irmão Justino

“E o que Jesus fez em relação à homossexualidade e transexualidade quando esteve presente entre nós? NADA! Isso mesmo. O SENHOR apenas disse “vinde a mim e eu os libertarei”. E ensinou outra palavra de quatro letras: AMOR, que deve ser espalhado por todos os seres humanos e a mais linda das lições “amai-vos como eu vos amei”.

Discriminar homossexuais, travestis entre e outros por sua sexualidade ou identidade de gênero não é exclusividade das religiões chamadas “cristãs” como o catolicismo e protestantismo, a disseminação do ódio ocorre em todas as religiões incluindo as de matrizes africanas como Candomblé e Umbanda, quando não olhamos o outro com respeito e empatia.

Esse acolhimento humano faz toda a diferença na formação psicossocial do indivíduo e nas suas relações interpessoais”. Maria Anne Clemente, técnica financeira do Programa Transcidadania





“Sempre achei a bíblia muito bonita, sempre me emocionei com as pregações, músicas e palavras do pastor. Eu que sempre gostei de leitura, costumava associar a bíblia com a poesia... tantos belos trechos pude encontrar frequentando a igreja. Acreditava que ali era um lugar de amor, aceitação e acolhimento, afinal, lendo tudo aquilo, não poderia pensar diferente. No entanto, a religião tem lá as suas condições.

Não consegui ao longo do tempo lidar com o fato de que sou uma pecadora irremediável, a considerar minha orientação sexual, então sai da igreja. No começo minhas referências espirituais ficaram abaladas, me senti mesmo uma pecadora, culpada e indecente para o amor de Deus. Mas o tempo foi passando, e pude conhecer lugares e pessoas que me mostraram outras coisas. Com isso, passei a entender que Cristo é amor sim, mas algumas pessoas em nome do poder, dominação e dos próprios interesses, usam o seu nome para excluir, segregar, julgar e pregar o ódio ao invés do amor; pregar a ignorância ao invés do conhecimento; pregar o julgamento ao invés da abertura. Desde então, para mim, o nome “religião” não é mais importante, e sim, a minha fé e espiritualidade, seja em qual for a esfera”.

Sula Assunção, facilitadora da Formação em Direitos Humanos, Cidadania e Democracia do Programa Transcidadania.

“Tenho 28 anos, e desde criança sempre fui católico praticante. Fui crescendo, e participando de diversos grupos dentro da comunidade, catequese, perseverança, crisma, grupo de jovens. Foi aí o meu amor pela igreja aumentou. Fui coordenador do grupo de jovens, e depois me tornei catequista de crisma dos jovens. Sempre soube que eu era Diferente (gay), mas não quis me aceitar como tal. Isso me causou muito sofrimento. Pior que sofrer, é sofrer sozinho, não havia ninguém que pudesse me ajudar, ou se quer me ouvir. Até que em um dia em um encontro do crisma, onde eu falava sobre os dons do Espírito Santo, me veio um forte remorso, pois tudo aquilo que eu falava, não me servia, pois me julgava indigno por causa da minha orientação. Até que eu procurei um velho amigo, meu querido Padre Paulo Bezerra, foi ele quem me mostrou novos horizontes. A igreja que um dia me reprimiu, foi também a minha libertação. Depois que eu me assumi, e entendi que pelo fato de eu ser gay, isso não iria me afastar do reino de Deus. Hoje faço parte do GAPD - Grupo de Ação Pastoral da Diversidade, um grupo de católicos gay's, que professam a nossa Fé. Lá ajudamos outros irmãos



a encontrar fé que existe em cada um”.

Tyago Queiroz, Supervisor de Operações de telecomunicação, Formado em Marketing.



“No meio judaico, não temos um Papa que dita as regras do que deve ou não ser aceito, cada comunidade é independente, seguindo os escritos e se identificando com as diversas linhas de pensamentos judaicos e quando falamos de homoafetividade, comunidades podem receber ou não com bom tom.

Sou judeu, me identifico com as linhas liberais do judaísmo, gay, professor, hazan (oficiante) e diretor religioso da Sinagoga Bnei Abraham, uma congregação nova afim de receber a todos sem qualquer distinção quanto à posição financeira e social, sexual ou política e é nela que construímos um judaísmo verdadeiramente inclusivo no Brasil, onde homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres e a homossexualidade não é vista como abominação ou repulsa, pois esclarecemos aos nossos frequentadores as diversas origens e más interpretações (sim, isso acontece também no judaísmo), dos textos sagrados e rabínicos.

Para nós, a diversidade humana é uma berahá (bênção) divina que nos ajuda e melhorar a cada dia, tornando não só nosso meio judaico, mas sim, o mundo melhor”.

Camilo Zayit, professor e hazan (oficiante) da Sinagoga Bnei Abraham

KOINONIA PRESEÇA ECUMÊNICA E SERVIÇO

Fundada em 1994, KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço é uma organização sediada no Rio de Janeiro (RJ), com atuação nacional e internacional. Somos uma entidade ecumênica de serviço composta por pessoas de diferentes tradições religiosas, reunidas em associação civil sem fins lucrativos. Integramos o movimento ecumênico e prestamos serviços ao movimento social.

KOINONIA presta serviços e estabelece alianças com a população negra organizada em comunidades urbanas e rurais, trabalhadores rurais, mulheres, jovens, agentes de solidariedade com pessoas que vivem com HIV/AIDS, e lideranças intermediárias das igrejas.

Outro dos nossos campos de atuação é o das organizações ecumênicas nacionais e internacionais, onde a instituição não só presta serviços como também é um agente político de mobilização e disseminação de valores.

A palavra koinonia vem do grego e significa comunidade e comunhão.

